

Um lugar para se pensar na mulher da imigração alemã: gênero e identidade nos museus de imigração do Sul do Brasil

*A place to think about women in german immigration: gender and identity in
immigration museums in Southern Brazil*

Daniel Luciano Gevehr¹
Marlise Regina Meyer²

Resumo: Discute-se o processo de construção dos museus da imigração alemã no Rio Grande do Sul, tendo as questões da identidade étnica e de gênero como categorias de análise sobre os lugares de memória da imigração. Atentamos, especialmente, para as representações difundidas pelos museus sobre as mulheres de origem germânica, e como a expografia e as ambiências dos museus contribuem para a afirmação dos papéis sociais desempenhados pela mulher no contexto da imigração alemã, no Sul do Brasil. Privilegiamos a leitura crítica dos museus da imigração alemã, procurando compreender os mecanismos presentes no processo de criação dos lugares de memória da imigração, assim como a difusão de representações sobre a própria história da imigração alemã no Sul do Brasil.

Palavras-chave: Museu. Gênero. Identidade Étnica.

Abstract: It discusses the process of building the german immigration museums in Rio Grande do Sul, with the questions of ethnic and gender identity as categories of analysis of places of memory of immigration. We are

particularly attentive to the representations made by museums about women of german origin and how the expography and the ambiances of museums contribute to the affirmation of the social roles played by women in the context of german immigration in southern Brazil. We privilege critical reading of the museums of german immigration, trying to understand the mechanisms present in the process of creating places of memory of immigration, as well as the dissemination of representations about the history of german immigration in southern Brazil.

Keywords: Museum. Gender. Ethnic Identity.

¹ Pós-Doutor em História. Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). *E-mail:* danielgevehr@faccat.br.

² Doutora em História. Professora no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *E-mail:* marlise.meyrer@pucrs.br.

Introdução

“Mulher é assunto. Todos falam dela – como é, como deveria ser [...]” (PINSKY, 2012, p. 470). A mídia – e, de forma especial, a televisão – tem dado, cada vez mais, visibilidade às questões de gênero, numa dimensão sem precedente. Essa visibilidade ampliou a discussão sobre as identidades de gênero e suas representações e as diferentes construções sociais a elas associadas, rompendo o longo período de silêncio no qual estiveram as categorias que “fugiam” da noção de heteronormatividade. Romper com esse silêncio, através das novas discussões sobre relações de gênero – associando a elas questões como a memória e a produção de representações – é, sem dúvida, uma necessidade na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, propomos a discussão sobre as representações da mulher teuto-brasileira presente nos museus da imigração alemã, no Rio Grande do Sul. Acreditamos que essa discussão se faz necessária, uma vez que, no âmbito dos estudos sobre a imigração alemã, no Sul do Brasil, ainda prevalece a condição de passividade ou até mesmo de silenciamento e de invisibilidade sobre o papel da mulher no processo migratório alemão no Sul do Brasil e, de forma especial, no Rio Grande do Sul.

No caso específico do Rio Grande do Sul, observa-se a prevalência de narrativas – em especial até a década de 80 – que colocaram os feitos masculinos em posição de destaque, reafirmando uma história marcada apenas pelos vultos do gênero masculino em destaque. Foi somente a partir da década de 90, com a difusão dos Programas de Pós-Graduação em História no Estado que essas narrativas sofreram significativas mudanças, na medida em que novas pesquisas no campo da história surgiram e colocaram as mulheres como objeto de suas produções. Já, em relação aos estudos da imigração, no Rio Grande do Sul, prevaleceu, até pouco tempo, a imagem do “homem migrante” responsável pela “epopeia” da imigração. Esse também é o caso dos estudos sobre imigração alemã, realizados até a década de 80 e que reafirmaram a visão “civilizadora” do migrante no Sul do Brasil.

Considerando as produções do campo historiográfico como um elemento que influenciou diretamente a criação dos lugares de memória da imigração, monumentos, praças, avenidas, instituições e museus é que propomos a leitura crítica sobre a produção das imagens sobre o papel da mulher no contexto da imigração, presente nos museus da imigração alemã no Rio Grande do Sul. A

pesquisa tem como recorte espacial os museus situados em três Municípios originários da região que constituíram, inicialmente, a Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo – RS, fundada pelos imigrantes em 1824 e considerada “o berço da imigração alemã no Brasil”.

Valemo-nos, primeiramente, do conceito proposto por Peter Burke (2004), que define as *narrativas visuais* como um elemento fundamental para a compreensão das representações construídas e difundidas sobre a sociedade e na qual a mesma busca se representar. Nessa acepção, compreendemos que cada imagem busca “contar uma história” sobre as mulheres nos *espaços museológicos* – como lugares de memória da imigração – e que pode ser lida e compreendida de forma crítica, identificando os mecanismos utilizados na criação das *diferentes ambiências* (MENESES, 2013) que constituem o museu.

A pesquisa tem como recorte espacial três lugares de memória da imigração alemã, localizados em *Nova Hartz*, *Sapiranga*, e *Picada Café*, Municípios de origem germânica, localizados na região do Vale do Rio dos Sinos – RS e que expressam parte dessa memória produzida sobre as mulheres. Afinal, a *memória musealizada* nesses espaços permite aprofundar o processo que envolve a produção das narrativas sobre a mulher imigrante e através da qual se percebem elementos simbólicos que procuram perpetuar uma *memória* (LE GOFF, 2003) do grupo étnico germânico. Entretanto, cabe lembrar que essa memória requer um exercício de atualização, processo que, por sua vez, envolve a manipulação da materialidade (móveis, objetos e ambiências) que constitui os museus. Essa materialidade – que procura preservar a memória – contribui para a manutenção e atualização da memória do grupo que a produziu e que busca preservá-la.

A afirmação da cultura germânica é problematizada no estudo, na medida em que esses traços identitários – de forte caráter étnico – se tornam evidentes nas representações dos museus. Num segundo momento, discutimos o papel desempenhado pelos museus na produção da *memória* sobre as mulheres de origem germânica, compreendendo os museus também como lugares de resignificação da memória e de afirmação das identidades de comunidades locais. Nesses lugares, e nessas ambiências, podem revelar singularidades sobre a trajetória da comunidade [local] e também colocar em evidência fatos e personalidades do lugar – o que, por sua vez, nos faz refletir sobre as operações que envolvem a manipulação da memória desses grupos.

Os museus de imigração podem ser definidos como *lugares de memória*, na acepção de Pierre Nora (1993, p. 21), para quem “são lugares, com efeito, nos três

sentidos da palavra material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”. De acordo com o autor, a “memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos” (p. 25), contribuindo para a *perpetuação da memória* (HALBWACHS, 2004), que, por sua vez, desempenha um papel fundamental na construção da *memória coletiva*.

Associada a isso, a *identidade* enquanto é “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (CANDAU, 2012, p. 9) nos permite ampliar o debate sobre os museus de imigração, na medida em que esses lugares de memória carregam elementos que procuram caracterizar as mulheres no contexto da imigração alemã.

Aproximando a discussão ao campo da Antropologia, Candau afirma que a memória é um elemento indispensável da construção da identidade de uma comunidade – sendo assim “uma construção continuamente atualizada do passado, mais do que uma construção fiel do mesmo” (2012, p. 9). A criação do museu sugere, nesse caso, uma preocupação com a preservação dos traços identitários, que remetem à ideia de *etnicidade*, que, no caso dos museus da imigração alemã, é definida pela *germanidade*.

A germanidade remete à identidade étnica compartilhada pela comunidade de origem germânica e que faz lembrar e rememorar o passado dos imigrantes. A antropóloga Giralda Seyferth (2011) explica que o *Deutschtum* – germanidade em alemão – expressa uma espécie de laço identitário, produzindo o sentimento de unidade cultural entre os imigrantes e seus descendentes. Esses laços identitários são construídos, de acordo com a autora, através do sentimento de que a comunidade compartilha de uma origem comum, que, nesse caso, descende dos imigrantes alemães.

Tendo a etnicidade e o gênero como pontos de tensão da pesquisa, acreditamos ser fundamental pensar nessa questão a partir de sua relação com a *representação*, uma vez que, segundo Silva (2014, p. 91) “a identidade e a diferença são estritamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”. Em nosso estudo, interessa compreender como se dá a representação da mulher, representada como sujeito pertencente a um grupo étnico específico e à sua condição de gênero.

Tendo as discussões sobre *etnicidade*, e a *memória* como suportes para a compreensão do processo que envolve a produção dos lugares de memória da imigração alemã no Rio Grande do Sul, defendemos a hipótese de que os museus

– através das narrativas visuais – reafirmam e legitimam os papéis sociais atribuídos às mulheres imigrantes e às suas descendentes.

Conforme veremos mais adiante, exemplos de manipulação e o enquadramento das mulheres de origem germânica são materializados nas ambiências e nos objetos dos museus, que evidenciam “as profissões de mulheres” e que as consideravam como “boas para uma mulher” (PERROT, 2005, p. 251). Nessa mesma linha de raciocínio, Perrot (2005, p. 257) afirma, ainda, que “há, de fato, as próprias mulheres, suas aspirações e suas representações, particularmente difíceis de conhecer, pois o discurso ideológico recobre palavras, formata seu ser social e até mesmo suas memórias”. Essas imagens e representações são alvo da leitura crítica que pretendemos realizar.

Refletindo sobre a recriação dos lugares considerados, pelo senso comum, como “típicos” das funções femininas, Perrot (2011, p. 131) menciona que “era na cozinha que minha avó [...] se sentia totalmente à vontade, dona da casa e das coisas”. Sobre outro lugar da casa, a autora acrescenta que “[...] o quarto seria por excelência o lugar das mulheres, seu tabernáculo. Tudo concorre para encerrá-las aí: a religião, a ordem doméstica, a moral, a decência, o pudor, mas também o imaginário erótico”. (2011, p. 131).

Com isso, tanto a cozinha quanto o quarto da casa, como espaços privados da família são definidos como lugares preferencialmente femininos e nos quais a mulher exerce seu papel de “rainha do lar” e, ao mesmo tempo, desvinculada da vida pública. Afinal, acreditava-se que à mulher cabia o espaço privado, no qual desempenhava suas funções sociais de mãe, esposa e dona de casa.

As narrativas visuais sobre *gênero* e *etnia* nos museus

Cruz Paiva (2015, p. 212), estudioso dos museus de imigração em São Paulo, mostra que “[...] o patrimônio da imigração é composto por um amplo espectro de manifestações culturais das quais fazem parte os museus, as paisagens culturais, as festas e as expressões linguísticas [...]”, sendo possível, através da leitura crítica dessas manifestações, compreender a dinâmica dos processos que constituem a produção da memória da imigração. Nesse contexto é que se inserem os museus da imigração do Rio Grande do Sul, como parte das manifestações do grupo étnico, que busca representar – em um lugar de memória – (uma ou mais) narrativas sobre o passado.

Investigamos três museus, localizados em Nova Hartz, Sapiranga e Picada Café – RS e que têm, como característica comum, a presença da imigração no processo de formação histórica. O recorte espacial da pesquisa se justifica a partir da definição de *museu-narrativa* proposta por Gonçalves (2009), para quem o museu se constitui em um espaço de exposição, uma espécie de vitrina da comunidade, através da qual ela se percebe e busca se representar. Além disso, acreditamos que a seleção dos três museus permite problematizar o processo que envolve a criação dos museus da imigração alemã no Rio Grande do Sul, uma vez que as narrativas presentes sobre a mulher imigrante, observadas nos três estudos de caso, é recorrente (ainda que com algumas singularidades) nos demais museus da área de imigração alemã no Estado do Rio Grande do Sul.

No caso dos três museus, percebemos, de forma bastante evidente, uma relação próxima entre esses lugares de memória e a comunidade que o produziu e o mantém vivo. Nessa relação interpessoal, “por meio da qual se dá o fluxo de trocas entre doadores e diretores de museus” (GONÇALVES, 2009, p. 178) é que se define o material de expografia do museu. Trata-se de museus cuja construção envolveu diretamente a comunidade, seja através do ato de criação ou através do processo de doação do acervo que constituem a expografia do museu. Nesse complexo processo de construção dos lugares de memória da comunidade é que analisamos as “memórias compartilhadas” sobre as mulheres de origem germânica, discutindo quais os objetos que representam a mulher e seu papel desempenhado na história da imigração alemã.

No processo de criação dos museus de Nova Hartz e Sapiranga, não houve envolvimento de profissionais com formação específica na área de Museologia. Em ambos os casos, a ideia de se criar um lugar de memória da imigração no Município surgiu de um grupo de pessoas da própria comunidade, que, em parceria com a Administração Pública municipal, viabilizaram a criação do museu. Ainda que, contando com a participação de profissionais da área de História, os dois museus não contaram com o assessoramento de museólogos – aspecto bastante recorrente na execução de projetos de criação de museus municipais no Brasil.

Diferente das ambiências existentes nos municípios vizinhos, Picada Café apresenta um cuidado maior com a expografia e com a organização das ambiências que constituem os museus localizados no Parque Jorge Kuhn. Entretanto, vale salientar que o processo que deu origem ao programa de restauro dos prédios localizados no parque contou com a participação de moradores do município, que de forma voluntária contribuíram na execução das obras de limpeza e preparo do local para o posterior restauro. O projeto de restauro dos prédios que constituem o

parque contou, ainda, com o auxílio financeiro do governo alemão, que contribuiu para a execução da obra, tendo em vista a preservação da cultura trazida da Alemanha pelos imigrantes no século XIX.

Aprofundando a discussão sobre a relação entre museu, comunidade e representação, é preciso definir, além do processo de constituição desses lugares, a origem dos objetos que compõe as expografias dos museus. Observa-se, nesse caso, a participação da comunidade local, que foi responsável pelas doações das peças do acervo museológico. Nesse sentido, é preciso lembrar a importância exercida pelo “ato de doação”, que, além de representar a participação dos moradores na criação do lugar de memória da comunidade, pode ser compreendido como um mecanismo de preservação da própria memória [em especial das memórias familiares].

É preciso também considerar outro elemento no fenômeno da produção dos museus de imigração. De acordo com Cruz Paiva (2015, p. 232), “a ‘grande imigração’ demarcou de maneira profunda o ideário sobre a imigração no Brasil”. Para ele a necessidade de se criarem lugares de memória da imigração, deve-se, em grande parte, à proliferação dos estudos sobre a imigração europeia no Brasil, que, em grande parte, tiveram um cunho memorialístico (que no Rio Grande do Sul foi em grande número até a década de 80, e que acabou servindo de base para a criação dos museus de imigração e que contribuíram significativamente para a preservação desse cunho memorialístico sobre o passado imigrante.

Ainda, de acordo com Cruz Paiva (2015, p. 232), que problematiza o caso de São Paulo, a produção de uma vasta historiografia e “[...] a musealização da imigração a partir dos anos 80 revelam as necessidades de inscrever no presente representações sobre a ‘grande imigração’”. O autor conclui que tanto a historiografia quanto o museu “[...] apresentam construções discursivas próprias e [...] expressam uma das várias formas do patrimônio da imigração.” Acreditamos que o mesmo processo ocorreu no Rio Grande do Sul, com o caso da imigração alemã.

No cenário de constituição de registros de memória, que se vale da cultura material da comunidade (leia-se mobiliário, objetos, pertences pessoais etc.) é que aparecem as representações construídas sobre a mulher no contexto da imigração. Nas ambiências do museu são registradas lembranças do grupo, que compartilha imagens produzidas sobre as mulheres, através dos seus *saberes* (crenças e tradições), dos seus *afazeres* (práticas cotidianas, como cuidar da casa) e dos seus *sabores* (culinária). As diferentes produções, consideradas “próprias do

fazer feminino” são evidenciadas na expografia, que passa a contar “uma história” das mulheres teuto-brasileiras.

Nessa perspectiva, atentamos para o estudo realizado por Pedro (1998) que nos ajuda a refletir sobre os papéis normativos impostos às mulheres e sobre os espaços sociais predefinidos para elas. Para a historiadora existe uma questão fundamental a ser considerada no estudo sobre as mulheres, que nos remete a pensar na categoria de gênero relacionada com sua condição de *classe* ou de *grupo*. De acordo com sua inserção no meio social, a mulher – nesse caso as de origem germânica – é representada a partir dos valores masculinos, que definem os seus papéis sociais.

Tomando essas questões teórico-metodológicas para pensar nos museus na sua relação com as questões de gênero e etnia, o primeiro lugar de memória investigado é o Museu Municipal de Nova Hartz, criado pela Prefeitura Municipal, em 1999. O Município emancipou-se de Sapiranga em 1988 e tem, em sua história de ocupação inicial, além da presença indígena, que também é representada no museu, a marca da colonização alemã do século XIX, da qual surgiu o primeiro povoado que deu origem ao Município.

Atualmente, Nova Hartz tem uma população de 18.346 habitantes (IBGE, 2010), constituída de diferentes grupos migrantes de diversas regiões do Estado e de Santa Catarina, que se instalaram no Município a partir da década de 80, período de desenvolvimento da indústria calçadista, base da economia do Município. Ainda que constituída de diferentes grupos sociais que povoaram a localidade, a marca da imigração alemã ainda é um fator preponderante na cultura local, o que se manifesta especialmente através das atividades culturais, das festividades e da prática cotidiana da língua herdada dos imigrantes alemães.

O espaço físico do museu está localizado na área central do Município e ocupa uma antiga residência, localizada na atual praça central da área urbana de Nova Hartz. A definição das ambiências do museu segue a divisão original do espaço, que foi originalmente uma residência. O museu apresenta um acervo diversificado, constituído de móveis, objetos e fotografias, que evidenciam a presença dos imigrantes alemães no processo de formação da comunidade.

O museu pode ser considerado um lugar de memória da imigração alemã, na medida em que apresenta – como tema principal do seu acervo e de sua exposição – a imigração e a colonização alemã em Nova Hartz. A maior parte das ambiências do museu é destinada para a reprodução dos diferentes aspectos que constituíam a casa dos imigrantes, ainda que não siga efetivamente uma linearidade temporal

na sua expografia. Exemplo disso são os objetos de diferentes épocas expostos no mesmo espaço, dando a impressão aos visitantes menos atentos ou curiosos, de que as peças faziam parte de um mesmo contexto.

Na parte central do museu – definida pelas ambiências da cozinha, da sala e do quarto, encontramos objetos que buscam materializar o estilo de vida dos primeiros moradores. Os móveis e utensílios domésticos utilizados no século XIX – período de instalação da Colônia Alemã – até meados do século XX, quando a industrialização transformou profundamente o estilo de vida dos moradores da localidade, que conquistou sua emancipação política em 1988. Torna-se evidente a mistura de elementos de diferentes épocas na expografia, que contam a trajetória de transformação da comunidade através dos objetos.

A primeira ambiência à qual o visitante tem acesso é a cozinha – lugar de preparação das refeições, espaço social da casa e *lugar da mulher, por excelência* – no qual a família se reunia para diferentes atividades e também para a celebração de seus usos e costumes cotidianos. Friedrich (2013) mostra como a gastronomia é um elemento importante da cultura teuto-brasileira. De acordo com sua pesquisa, o preparo de alimentos – compreendido pelo senso comum como um saber, um fazer das mulheres – revela traços da cultura e da etnicidade. É importante lembrar que as práticas cotidianas não são reveladas apenas através dos móveis e objetos (cultura material), mas também dos saberes e fazeres (cultura imaterial), que se revelam através das comidas e dos saberes, como os bordados à mão produzidos pelas mulheres de origem germânica e que apresentam frases e ditados populares (associados especialmente à moral e à religiosidade) que revelam valores familiares compartilhados.

Essas produções culturais manifestam saberes e afazeres das mulheres de origem germânica e são considerados, popularmente na região, como “coisas de mulher”. Os *Wandschoner*, como são conhecidos os panos de parede no dialeto *Hunsrück* – língua ainda presente nas comunidades germânicas do Sul do Brasil e praticada no cotidiano dessas comunidades – aparecem na expografia de diversos museus da imigração alemã no Sul do Brasil, revelando parte da sensibilidade da mulher de origem germânica no Sul do Brasil.

A bordadura dos dizeres na língua dos imigrantes revela, ainda, diferentes aspectos da vida cotidiana da Colônia Alemã, como o trabalho, a família e a religiosidade – católica e protestante – que distinguiu, e até mesmo causou – cisões entre as famílias de origem germânica. O bordado em panos de parede ainda é praticado na região do Vale do Rio dos Sinos e reúne, no Município de Ivoti, um

grupo que constitui o projeto educativo-social “Tecendo Memórias”, estudado de forma mais aprofundada por Brum (2013) em sua tese de doutorado.

Faz sentido mencionar que os panos de parede que são produzidos atualmente pelas mulheres de origem germânica, no Município de Ivoti (vizinho de Picada Café), podem ser adquiridos na loja da associação dos artesãos do “Núcleo de Casas Enxaimel”. O núcleo reúne o maior número de casas nesse estilo arquitetônico preservadas da América Latina é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE). Nesse lugar de memória da imigração alemã, a prefeitura municipal investiu recursos para revitalizar o espaço e o transformou num lugar com infraestrutura para receber o público. Nele são realizadas várias atividades culturais, voltadas especialmente à preservação da cultura germânica.

Voltando ao museu de Nova Hartz, percebemos que a materialização das expressões culturais locais – como a identidade do gaúcho – aparece nos utensílios domésticos – *utilizados no cotidiano dos saberes e afazeres das mulheres*. Questões que nos levam a pensar no hibridismo cultural estão presentes nos museus e também aparecem, como no caso da exposição da *cuia de chimarrão* – elemento típico da cultura gaúcha e que acabou sendo incorporado pelos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul. Assim, o chimarrão é um elemento cultural presente na cultura teuto-sul-rio-grandense.

A exposição de objetos de uso cotidiano, que remontam aos tempos que antecederam à chegada da energia elétrica em Nova Hartz e a modernização imposta pelo espaço urbano que se organizava, a partir da década de 50, procura mostrar – através dos objetos e das fotografias de época – parte do processo histórico de constituição da sociedade local.

Outro elemento simbólico presente na expografia é o cuidado com a limpeza e a organização da casa do imigrante alemão. O museu procura difundir a ideia de organização e cuidado com o lar – compreendido como espaço privado e de domínio feminino – sendo atividades diretamente ligadas às mulheres, uma vez que, em todos os espaços, aparecem elementos da cultura material que remetem às produções femininas.

Exemplos são os objetos de uso pessoal ou artefatos (como utensílios de cozinha, decoração ou objetos que constituem o quarto), de diferentes épocas, produzidos artesanalmente pelas mulheres. A mulher imigrante aparece como elemento de destaque em ambientes que revelam suas atividades no espaço privado da casa, manifestando uma verdadeira “arquitetura doméstica” (PERROT, 2011,

p. 56), através da qual se revelam formas de pensar e agir da sociedade. A cozinha e o quarto são os espaços de maior visibilidade no museu, ocupando a maior parte do espaço físico, ao mesmo que concentram o maior número de objetos em exposição. O cuidado com os detalhes desses ambientes procura evidenciar o trabalho das mulheres, colocando-as na condição de “rainhas do lar”. Enquanto o espaço público era dominado pelos homens, o lar – *Zuhause* (em alemão) – era o espaço dedicado à esposa, mãe e dona de casa – (*Ehefrau, Mutter und Hausfrau*) – em alemão.

O ambiente doméstico, representado pela figura do marido e da esposa, é estudado por Ariès (1981), quando se dedicou ao estudo da história social da criança e da família. Para ele a imagem sacralizada da mulher no espaço doméstico é aquela associada ao amor cortês ou na condição de dona de casa. Cenas em que a mulher aparece numa posição secundária, realizando tarefas de “menor valor” acabou, na opinião do autor, contribuindo significativamente para a afirmação das imagens nas quais a mulher aparece como o “sexo frágil”, ainda demonstrando descontentamento. Essa condição aparece sob diferentes perspectivas nos museus de imigração alemã no Rio Grande do Sul.

O segundo caso estudado localiza-se em Picada Café, Município localizado na encosta da Serra Gaúcha e que tem uma população atual de 5.182 habitantes (IBGE, 2010). A origem do Município está associada à colonização alemã do século XIX, sendo originalmente ocupada pelos imigrantes que chagaram ao Rio Grande do Sul, em meados do século XIX. O Município emancipou-se de Nova Petrópolis em 1992 e, desde então, empreendeu um projeto de preservação do patrimônio cultural da imigração alemã, cujas marcas podem ser percebidas em diferentes lugares da cidade.

No caso de Picada Café, a investigação volta-se ao Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, localizado à margem da BR 116. No parque encontra-se o conjunto arquitetônico, que reúne o antigo moinho, o açougue, a venda e a residência da Família Kuhn – que dá nome ao parque histórico. O complexo de três edificações é compreendido como um *lugar de memória*, que guarda – materialmente – registros da memória da imigração alemã no Município.

O prédio da venda e da residência foi construído em 1880 e ocupa papel de destaque, como o prédio principal do parque. A edificação foi construída por Christian Kuhn, imigrante alemão que comprou as terras que atualmente compõem o parque. O prédio, erguido em *enxaimel* – técnica de construção típica

dos imigrantes alemães e que consistia na utilização da técnica de encaixe – abrigava ainda uma pequena *casa de oração* luterana, (IECLB) de origem alemã.

Nas décadas seguintes à sua construção original, a casa sofreu uma ampliação e passou a abrigar também uma *casa comercial e uma moradia*. A casa encontrava-se num lugar estratégico para o comércio regional do século XIX, localizada às margens da antiga estrada de pedra, que era utilizada como caminho de passagem para os antigos tropeiros. Esses utilizavam as instalações para alimentação e pouso, surgindo daí a denominação de Picada Café para a localidade, uma vez que o lugar ficou conhecido como o espaço onde os tropeiros paravam para descansar e *tomar café*.

Um elemento simbólico que chama a atenção na casa é o fato de que os restos mortais do casal Kuhn, responsável pela construção da casa, estão enterrados embaixo da casa, onde está a lápide com a identificação do casal. O *antigo moinho* foi construído pelo imigrante alemão Christian Kuhn em 1928, que se especializou na produção de farinha de milho e centeio, óleo de amendoim e descasque de arroz. O moinho é constituído por uma roda d'água, movimentada pela água proveniente do arroio das Pedras, situado logo acima do moinho. Em 2007, a propriedade foi comprada pela Prefeitura Municipal de Picada Café, que angariou recursos da Alemanha e transformou o moinho em um museu. No segundo andar do prédio, funciona, atualmente, a Secretaria Municipal de Turismo de Picada Café.

Nas dependências do parque – e protegido por um muro de pedra construído no final do século XIX – está o Açougue Progresso, conhecido atualmente como *museu do açougue*. As atividades do açougue iniciaram em 1890, numa construção simples de madeira. A edificação atual foi construída em 1941, pelo filho do imigrante, Jorge Kuhn. O comércio encerrou suas atividades em 1970 – devido, principalmente, à difusão da rede elétrica e da geladeira na região, o que fez com que as pessoas não se dirigissem mais ao açougue para comprar carne diariamente. Na expografia do museu, estão o mobiliário e as ferramentas de trabalho utilizadas no açougue.

Quanto às questões de representação da mulher imigrante, percebemos que o parque dá pouca visibilidade ao papel desempenhado pelas mulheres na imigração, na medida em que a única ambiência na qual a atuação da mulher imigrante aparece – de forma direta – é a casa que serviu de residência ao casal Kuhn. Essa dimensão reafirma aquilo que Perrot (2005) menciona em seus

estudos sobre as mulheres, quando defende que as mulheres foram silenciadas ou esquecidas no processo de construção das narrativas do passado.

À mulher cabia apenas o espaço doméstico, no qual sua atuação como dona de casa era compreendida, como sua única função social, legitimada por um conjunto de normativas que impunha tal finalidade ao gênero feminino. A seleção de Picada Café, como parte do recorte da pesquisa, justifica-se exatamente pelo fato de se ter, no âmbito da área de colonização alemã, no Rio Grande do Sul, museus que colocam a mulher em evidência na sua expografia e outros, como é o caso de Picada Café, onde a mulher aparece de forma secundária ou pelo menos não tão evidente como nos demais espaços.

Outra leitura possível seria a de que não havia – parte do grupo responsável pela organização do espaço museológico – distinção entre aquilo que era considerado ofício dos homens ou de mulheres, levando-nos a acreditar que a ausência de artefatos ou produções “tipicamente femininas” se justificava em razão de se considerar não haver uma separação clara dos ofícios. Também aventamos a possibilidade de não haver, no momento de sua criação, a preocupação com a representação de identidade de gênero, uma vez que o início dos trabalhos de criação do parque ocorreu ainda na década de 80, quando as discussões sobre gênero ainda eram pouco conhecidas e difundidas.

Lembramos, ainda, que o parque histórico de Picada Café insere-se no roteiro conhecido como *Rota Romântica*, que liga São Leopoldo (marco inicial da imigração alemã no Rio Grande do Sul) aos Municípios da Serra Gaúcha, como Nova Petrópolis, Gramado e Canela, que concentram grande parte da atividade turística do Sul do Brasil. Esse aspecto geográfico, que insere a discussão numa dimensão espacial, contribui para a compreensão daquilo que o geógrafo Paul Claval (2014) chama de *geografia cultural* que, segundo o autor, faz com que os lugares sejam interpretados como resultado da produção e da interferência do sujeito no espaço.

A teoria proposta por Claval (2014, p. 65) faz pensar sobre o significado social dos roteiros turísticos, permitindo “questionamentos sobre os sentidos dos lugares, a percepção do espaço”, sendo a cultura – nesse caso vinculada fortemente à *germanidade* – compreendida como “a soma dos comportamentos, dos saberes das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados”, que, conseqüentemente, revelam formas de pensar e sentir o espaço. Nessa perspectiva, a geografia cultural nos ajuda a pensar no processo de criação dos lugares de memória, permitindo

uma aproximação entre o sentido da memória nas comunidades imigrantes, a criação (e a ressignificação) dos lugares de memória.

O terceiro lugar de memória investigado na pesquisa localiza-se em Saporanga, Município localizado no Vale do Rio dos Sinos e que tem, em sua história, a memória da mulher imigrante presente de forma bastante singular. Isso se explica em razão de Saporanga ter sido o cenário no qual ocorreu, no final do século XIX, o movimento messiânico dos Muckers (1868-1874), liderado por Jacobina, uma descendente de imigrantes alemães.

Saporanga emancipou-se de São Leopoldo em 1955 e apresenta, atualmente, uma população de 74.985 habitantes (IBGE, 2010). O povoado que deu origem ao Município foi fundado em 1842 pelos primeiros imigrantes alemães que se instalaram na localidade. Atualmente, Saporanga – como também Nova Hartz – é constituída de uma população heterogênea, constituída principalmente por migrantes e descendentes de várias famílias originárias de Municípios da Região Noroeste do Estado e de Santa Catarina, que chegaram ao Município a partir da década de 70 em razão do desenvolvimento expressivo do setor coureiro-calçadista.

Como no caso dos Municípios vizinhos do Vale do Rio dos Sinos, Saporanga preserva parte da cultura herdada dos imigrantes alemães, através das atividades culturais e festividades organizadas pelo Município. Um exemplo concreto disso é o museu municipal (alvo da pesquisa) que está localizado no prédio que, originalmente, abrigou a Estação Férrea Saporanga, que ligava Porto Alegre à Canela, na Serra Gaúcha.

A história do Município está intimamente associada à história da imigração alemã, uma vez que foi em Saporanga (que então fazia parte da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo) que ocorreu o movimento messiânico dos Muckers (que em alemão significa fanático, religioso, embusteiro). O grupo foi liderado por Jacobina Mentz Maurer, que desempenhou a liderança do grupo como pregadora religiosa em sua casa no morro Ferrabraz, o que colocou em lados opostos os colonos da Colônia Alemã. Havia aqueles que seguiram o grupo liderado por Jacobina e aqueles que pegaram em armas e se colocaram do lado das forças oficiais. O conflito armado acabou com a morte do Coronel Genuíno Sampaio e das lideranças dos Muckers e com a morte de diversos colonos de ambos os lados.

No caso de Saporanga, a memória produzida sobre a líder dos Muckers permaneceu no imaginário, fazendo com que a lembrança de Jacobina servisse para a construção e difusão de diversas narrativas sobre sua biografia e sobre seu

legado para a comunidade. Ao mesmo tempo em que se buscou, num primeiro momento, apagar a memória da líder dos Muckers, foi a partir da segunda metade do século XX que a imagem de Jacobina foi alvo de manipulações, fazendo com que ela fosse identificada como uma espécie de líder *positiva*, associada ao “mito fundante” da comunidade.

Além disso, o morro Ferrabraz, local onde ocorreu o conflito, é identificado como parte do patrimônio cultural da cidade, sendo espaço de visitação em razão da criação, em 2001, do roteiro turístico que percorre diversos lugares de memória da cidade e conhecido como “Caminhos de Jacobina”. O morro, cuja lembrança remete ao passado Mucker, também é conhecido pela prática de voo-livre. A memória da mulher que liderou os Muckers aparece com muita ênfase nas narrativas da história local e, principalmente, na produção dos espaços da cidade. A apropriação dessa memória por parte da comunidade e a criação dos lugares de memória dos Muckers e de Jacobina foi amplamente discutida por Gevehr (2015).

Retomando a teoria proposta por Claval (2014), percebemos como a comunidade sapiranguense acabou ressignificando a memória de Jacobina, criando e nomeando lugares de memória na cidade que permitem a rememoração da líder dos Muckers. A própria criação do roteiro turístico atesta essa reapropriação positiva por parte da comunidade em relação à *mulher que liderou os Muckers*. No caso de Sapiranga, a imagem da mulher teuto-brasileira serviu para a criação do “mito fundante” da cidade, sendo a história do Município dividida entre o período que antecede o conflito e a nova fase, que iniciou com o desfecho do conflito e da morte de Jacobina, em 1874, exatamente no ano em que se comemorou o jubileu da imigração alemã no Brasil e se realizaram várias festividades alusivas aos 50 anos da presença imigrante no Vale do Rio dos Sinos.

Justificamos essa breve contextualização sobre o passado Mucker em razão de acreditarmos ser fundamental a associação desse passado com a criação do museu municipal, que preserva parte da memória da comunidade. O Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer, homenagem prestada ao ex-vereador e descendente de alemães, está localizado no centro da cidade, nas dependências da antiga estação férrea (VFRGS), conhecida como “Estação Sapiranga”, desativada em 1964. O museu foi criado por iniciativa de um grupo organizado pela Prefeitura Municipal em 1996. O museu reúne importante acervo sobre a presença da imigração alemã no Município.

A história dos Muckers está presente no museu, através da exposição de obras sobre o episódio – único movimento messiânico ocorrido no Brasil em

ambiente protestante e que foi liderado por uma mulher. Nela, a mulher – Jacobina – ganha destaque. Além disso, todos os anos, durante o mês de agosto (data alusiva ao desfecho do conflito em agosto de 1874), o museu celebra uma exposição temporária contando a trajetória percorrida por Jacobina, a líder dos Muckers.

Objetos destinados ao público feminino chamam a atenção na ambiência da venda colonial, que se encontra logo na entrada do museu e que revela parte das necessidades do público consumidor feminino da Colônia. Exemplos são absorventes de pano, bonecas – em especial a boneca loura de olhos azuis de porcelana inglesa exposta em caixa de madeira –, chapéus femininos e também utensílios domésticos, comumente associados ao público exclusivamente feminino. Sobre a boneca [e seu caráter simbólico], a historiadora Mary Del Priore (2014, p. 228-229) mostra que “o culto da boneca loura e de olhos azuis entre as meninas da gente mais rica do Império deve ter concorrido para contaminar algumas delas de certo arianismo.”

Ainda, de acordo com a autora, isso tudo concorria “para desenvolver no espírito a idealização das crianças que nascessem louras e crescessem parecidas às bonecas francesas.” A idealização da mulher loura – que remete à identidade germânica presente no lugar – nos faz acreditar que contribuía para a reprodução de padrões sociais nos quais o grupo étnico germânico procurava guardar e manter viva sua identidade, evitando casamentos e relações mais próximas com aqueles que não partilhavam da mesma ascendência étnica.

É oportuno, nesse contexto, lembrar que os “silêncios” não eram exclusividade das mulheres. Moreira Leite (2001, p. 20) mostra que “o estudo da criança, no século XIX, é dificultado pela escassez de estudos de demografia histórica”, dificultando o registro sobre o universo infantil, bem como sobre seu cotidiano, cuja atenção não despertava interesse. A autora, valendo-se dos estudos de Kátia Mattoso, afirma que “além de não serem ainda foco de atenção especial, as crianças eram duplamente mudas. [...] Não eram percebidas, nem ouvidas.

Nem falavam, nem delas se falava” (LEITE, 2001, p. 21). Essas afirmações permitem compreender por que prevalece a ideia de invisibilidade de representações sobre o universo infantil nas narrativas visuais dos museus de imigração.

Também merece destaque na expografia a cela feminina, instrumento utilizado pelas mulheres para montar a cavalo e que era anatomicamente fabricado para as mulheres que usavam saias e vestidos. Afinal, como mostra Del Priore (2014, p. 215), “as mulheres da elite sempre montaram a cavalo”, e essa era, também no âmbito da Colônia, uma prática das mulheres das famílias mais abastadas, que

procuravam reproduzir o esporte da aristocracia do Rio de Janeiro no tempo da Corte de D. Pedro II.

A casa do imigrante (que ocupa a maior parte do museu) constitui-se de três ambiências: a *cozinha*, a *sala* e o *quarto do casal*, que contam com mobiliário e objetos de uso cotidiano. Um aspecto curioso e recorrente nos museus de imigração é o fato de que os objetos, que constituem as ambiências sobre a casa dos imigrantes é datado de diferentes épocas, o que acaba produzindo cenários que não seguem uma lógica temporal em sua expografia.

É na reprodução da casa do imigrante que as “coisas de mulher” ganham visibilidade no museu, sendo seus utensílios do cotidiano explorados de forma ampla e diversa, buscando rememorar as práticas sociais das mulheres na esfera privada do lar. Nessas ambiências é que os conceitos de *gênero* e *etnia* podem ser empregados com maior ênfase na leitura dos lugares de memória. Exemplos como a cozinha e o banco próximo à mesa de comer, onde todos se sentavam para fazer as refeições, recriam o espaço doméstico onde a mulher era quem determinava a maioria das regras (apelidada de rainha do lar). Os utensílios domésticos, os panos de parede com dizeres em alemão – e de grande apelo religioso – expressam a sensibilidade feminina presente no imaginário teuto-brasileiro.

Ainda na cozinha, espaço representado como próprio da mulher, aparecem diversos utensílios do cotidiano, como panelas, formas caseiras de confecção de bolachas de Natal – que são consideradas típicas da cultura germânica, tarefa na qual até mesmo as crianças ajudavam as mães e avós na decoração das bolachas. Além disso, doces em compota, moedores de café e outros utensílios aparecem na casa, constituindo o ambiente doméstico de atuação da mulher.

A sala, por sua vez, é representada de forma simples, através de um mobiliário modesto, que revela a simplicidade e até mesmo, a rusticidade do jeito de viver da Colônia – especialmente no período que antecede à industrialização e no qual a sala de visitas era, antes de tudo, um espaço social pouco utilizado – uma vez que a cozinha era considerada o local de encontro da casa. A sociabilidade ocorria quase sempre no espaço da cozinha, ao redor do fogão e da comida que nele era preparada. Nesse espaço, mais uma vez, a mulher é quem determinava o processo.

No quarto do casal aparece a cama com colchão de palha de milho e um mobiliário de madeira, ornamentado por objetos que revelam a sensibilidade religiosa do casal, como a presença da Bíblia Sagrada na cômoda ao lado da cama, o crucifixo sobre a cabeceira da cama e o certificado de confirmação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) exposto na parede.

A presença da religião e a da Igreja aparecem mais uma vez como um elemento que dá identidade ao grupo, que manifesta, também através da sua religiosidade, a sua germanidade.

Registros fotográficos – raros na Colônia até a primeira metade do século XX – como o do casal que aparece na cerimônia de casamento atestam um preceito social mencionado por Del Priore (2014, p. 21) que determina que “casamento com gente igual era altamente recomendável”. Afinal, era necessário manter a identidade étnica, evitando a “mistura” com outros grupos, como eram os luso-brasileiros ou os afro-brasileiros, evitando-se, assim, a mestiçagem. A expografia do museu permite, também, observar mais um aspecto mencionado por Del Priore (2014, p. 20), quando se refere ao espaço privado da casa e, de forma mais particular, ao quarto do casal. Para a autora “[...] tanto a Igreja quanto o Estado reclamavam a necessidade de o “amor” do casal estar vinculado à sexualidade e à procriação”, uma vez que dele “dependia a saúde dos filhos, a moralidade da família e, sobretudo, o progresso populacional da nação”.

Percebe-se que o espaço privado e doméstico da casa tem sua representação associada à presença da mulher, que, além do cuidado com a família, cuidava da casa – revelando, através das peculiaridades do lugar, os *usos e costumes* da germanidade. A cozinha, a sala e o quarto do casal reproduzem, nesse contexto, formas de pensar e sentir da comunidade. Como mostra Elias (1994), *o processo civilizador* procurou disciplinar a casa, os modos e os comportamentos praticados na casa, que se constituem como um espaço importante da vida privada – e no qual a mulher desempenhava um papel fundamental no ato de disciplinar as ações e os comportamentos. A cozinha, a sala, o quarto e os demais espaços que constituíam “o lar” deveriam ser normatizados pela ideia de civilidade, ordem e disciplinamento. Os costumes, representados através dos objetos e das manifestações culturais expressas materialmente no museu procuram reafirmar essa visão de mundo pautada pelos costumes herdados dos imigrantes.

Aproximando ambiências e narrativas

As mulheres desempenharam diferentes papéis na história da imigração alemã, no Sul do Brasil, ainda que tenha sido representadas especialmente, no espaço doméstico, ou seja, desempenhando atividades fundamentais para o provento da família, da criação dos filhos, do cuidado com a casa e da exaltação de seus *saberes e afazeres*. Esses ofícios, considerados como “trabalho de mulheres”,

ainda que condicionados à questão de gênero, permitiram dar visibilidade à presença das mulheres na zona de imigração alemã, no Sul do Brasil, rompendo com décadas *de silêncio na história* (PERROT, 2005).

Finalmente, cabe destacar que a mulher imigrante, representada na expografia dos museus da imigração alemã no Rio Grande do Sul, aparece como peça fundamental da dinâmica social que procura exaltar a ideia de *progresso* e de *civilização*. Ainda que as ambiências não revelem nenhum cuidado com a linearidade temporal, a constituição das ambiências exalta a contradição entre o “velho e o novo”, entre o “rústico e o moderno”. Esse elemento fica evidente, na medida em que os museus destacam objetos de uso da mulher no século XIX e, ao mesmo tempo, mostram as novas tecnologias surgidas com o avanço da ciência do século XX.

Os museus da imigração alemã como lugares que suportam lembranças e difundem imagens são, sem dúvida, um espaço de discussão e tensão acerca dos interesses e das motivações que levam as comunidades a buscar, incessantemente, o *(re)enquadramento das suas memórias*. Nesses enquadramentos, as mulheres acabam sendo *(re)enquadradas* em padrões culturais que as colocam essencialmente no espaço doméstico “do lar”, condicionadas ao espaço privado e controladas, ainda que de forma silenciada pelo poder de dominação masculino.

A partir dessas constatações, cabe, sem dúvida, um amplo e longo trabalho no campo da Educação Patrimonial, para que os museus, que, através das ambiências, procuram enquadrar as mulheres de origem germânica, se transformem em um espaço de formação de crianças, jovens e adultos. Através do trabalho de Educação Patrimonial em comunidade, acreditamos que o museu possa se transformar num lugar através do qual a própria comunidade descubra seu passado – através da leitura crítica das representações inscritas no museu – e contribuir para a formação de uma sociedade crítica, na qual os papéis femininos sejam, definitivamente, redesenhados, retirando-se, assim, as mulheres da invisibilidade social atribuída a elas no passado.

Referências

- ABREU, Regina M. do R. M. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. *In*: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane (org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007, v. 1, p. 263-287. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/PatrimonioCultural.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BACZKO, Branislaw. Imaginação social. *In*: *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda, s/d., v. 5. p. 309-310.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- BRUM, Marli. *Bordando cidadania: projeto de conhecimento de mulheres na preservação cultural do Wandschoner em Ivoti (2007-2013)*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem* Bauru: Edusc, 2004.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2006.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 4 ed. rev. Florianópolis: Edit. da UFSC, 2014.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- DREHER, Martin. N. *Igreja e germanidade: estudo crítico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1994. 2 v.
- FREITAS, Marcos C. de (org.). *História Social da Infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FRIEDRICH, Fabiana H. *Gastronomia e imigração alemã na Região Central do Rio Grande do Sul: Colônia de Santo Ângelo (segunda metade do século XIX)*. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.
- GEVEHR, Daniel Luciano. *Pelos*

- Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (res) significados.* Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- GONÇALVES, José. Os museus e a cidade. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio.* Ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 171-186.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.
- HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições.* 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 9-23.
- IBGE. *Cidades.* 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/home-cidades>. Acesso em: 2 abr. 2017.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- Le GOFF, Jacques. *História e memória.* 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEITE, Miriam L. M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos C. de (org.). *História social da infância no Brasil.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 19-52.
- LLOSA, Mario. V. *A civilização do espetáculo.* uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MENESES, Ulpiano. T. B. de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. *Museus.* Dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 15-88.
- MENESES, José N. C. *História e turismo cultural.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NOGUEIRA, Gilmar; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro A. (org.). *Dicionário crítico de gênero.* Dourados: Ed. da UFGD, 2015. p. 353-358.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história*, São Paulo, n. 10, dez. 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP.
- PAIVA, Odair da Cruz. Imigração, patrimônio cultural e turismo no Brasil. *An. Mus. zaul.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 211-237, dez. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142015000200211&lng=pt&nrm=i so. Acesso em: 28 mar. 2017.
- PEDRO, Joana M. *Mulheres honestas e*

- mulheres faladas: uma questão de classe*. 2. ed. Florianópolis: Edit. da UFSC, 1998.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: São Paulo: Edusc, 2005.
- PERROT, Michelle. *A história dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- PINSKY, Carla B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512.
- POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- POULOT, Dominique. *Museu e museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- POUTIGNAT, Philippe; STREITFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade seguida de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: Edunesp, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.
- SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e a da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.
- THOMPSON, Eduard. P. *Costumes em comum*. estudos sobre cultura popular e tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.
- VELOSO, Mariza. O fetiche do patrimônio. *Habitus*, Goiânia, v. 4, n.1, jan./jun. p. 437-454, 2006.
- WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.
- ZANINI, Maria C. C. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 521-547, out. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000200009&lng=en&nrm=i so. Acesso em: 28 mar. 2017.